

Alegrar-se com as aulas de História: afeto e imaginação como sentidos de ensino-aprendizagem

*Finding Joy in History Classes: Affection and
Imagination as Meanings of Teaching and Learning*

Flávio Pereira Bastos*

PEREIRA, Nilton Mullet et al. *Ensinar história: a arte de criar encontros alegres* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: SEAD/UFRGS, 2025, 161 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/287997>.

Potência de vida, de existência. Alegrar-se através da arte dos encontros com as múltiplas formas de existir e viver *o* e *no* mundo pela História que se deseja ensinar e aprender nas escolas. Essa é a tônica do livro *Ensinar história* — escrito coletivamente e lançado recentemente para as comunidades do Ensino de História.

O livro está organizado em duas partes: a primeira é dedicada a dar significado à proposição *A arte de criar encontros alegres*, interpelando a ideia de um currículo escolar “disciplinado” em razão de *uma aula de História aberta à magia do encontro*. No capítulo “Aula Potencial, Afetos e Cosmologias”, defende-se o conhecimento histórico escolar como resultado de uma cientificidade criativa atravessada pela experiência das “relações” com a “diferença” nos processos de ensino-aprendizagem; a segunda parte do livro refere-se a dez *Situações Didáticas*, cuja ideia central os/as autores/as sublinham:

propor uma abordagem do ensino e da aprendizagem em História marcada pela radicalidade dos conceitos, pelas vozes dos seres, pela escuta absoluta, pelas epistemologias, pelas cosmologias, pela poesia, num alargamento ao ilimitado, como a perceber a aula de História como uma multiplicidade aberta ao ‘trabalho do sentido’ (p. 19).

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. flaviobaastos@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-8705-6805>>

A proposta do livro é fruto de um trabalho realizado há mais de 3 anos em parceria com escolas do estado do Rio Grande do Sul envolvidas no projeto de pesquisa *Aprendizagem em História como arte de criar encontros alegres* — vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e desenvolvido pelos/as professores/as Nilton Mullet Pereira, Amanda Gisele Rodrigues, Héryka da Luz dos Santos, Thainá Maria da Silva, Fernanda de Amorim Golembiewski, Gabriel Torelly, Tanara Forte Furtado, Macello Paniz Giacomoni e Bibiana Harrote Pereira da Silva. Na produção de suas escritas, os/as autores/as assumem posturas epistêmicas orientadas pela “ética spinozista dos afetos”; pelo “conceito-dispositivo frankenberciano de branquitude”; pela “ética afro-perspectivista”; pelo “perspectivismo ameríndio”; e pelo “pensamento indígena do presente”, buscando assim responder às perguntas: “Que tipo de encontros sonhamos criar em aulas de História? Que tipo de encontros realizamos nas escolas?” (p. 8). Com esse quadro epistêmico, é possível notar que o livro apresenta não somente formas de “conceituar” as práticas de ensino e aprendizagem, mas demonstra sobretudo como as relações docente-discente permitem pensar, ver e sentir *por que, como e o que* se constrói ao ensinar e aprender História em diferentes contextos escolares e curriculares.

Após escreverem algumas páginas sobre os significados da *arte de criar encontros alegres* em uma *Aula potencial* de História, os/as autores/as apresentam as experiências das *Situações didáticas*, as quais são caracterizadas como movimentos de forças afetivas resultantes das interações entre estudantes e professores do Ensino Fundamental e Médio das escolas parceiras da respectiva pesquisa que constitui o livro. Segundo os/as autores/as, “procuramos apresentar cada uma delas na forma de um planejamento, com problematização e objetivos, mas também com uma descrição de cada etapa do que aconteceu em sala de aula, de maneira que possam ser utilizadas em outras salas de aula” (p. 33). Em cada uma das dez *Situações didáticas* há temas trabalhados em virtude dos sentidos de ensino-aprendizagem mobilizados e constituídos enquanto eram colocados em prática em diferentes turmas da educação básica.

Os temas referentes às *Situações didáticas* versam sobre (1) *A aprendizagem das relações*; (2) *As relações entre os seres do mundo*; (3) *Os divertimentos em Roma*; (4) *A serpente no centro das narrativas sobre a origem do mundo em diferentes culturas*; (5) *Eurocentrismo, Branquitude e Relações étnico-raciais — pensar com conceitos*; (6) *Imaginar um mundo infinito*; (7) *Entre Sonhos e Rea-*

lidade: Encontro entre Culturas, Histórias e Identidades; (8 e 9) *Pensando a relação entre os/as seres da terra e a sua forma de demonstrar afetos. Como vamos alcançar o Ubuntu?*; e (10) *Sonhando o futuro: Inspirações interculturais para explorar o sonhar*. Inclusive, em cada tema apresentado há os links para acesso à impressão dos materiais das atividades realizadas nas escolas. Figuras, mapas, filme, música, podcast, desenhos, contos, teatro, leituras, jogos de cartas e rodas de partilha constituem os recursos pedagógicos para cada atividade.

Em um dos temas das *Situações didáticas*, os/as estudantes são incentivados a expressar o que sentem através das formas como se identificam com a história do Brasil mobilizada por meio de imagens que retratam a “diversidade racial, étnica, regional, de gênero e geracional” (p. 35). Nesse sentido, o tema viabiliza uma compreensão de que a aprendizagem em História pode ocorrer através das relações “imaginativas” produzidas por estudantes que se sensibilizam com “o Brasil” que lhes é apresentado em sala de aula.

Em um segundo momento, os/as estudantes são provocados a discutir como eles se relacionam com a “diversidade no mundo” em diferentes lugares sociais — como com “instituições, pessoas, seres, objetos” (p. 37). A proposta da discussão possibilita conceber uma aprendizagem que se dá com a “diferença”, na medida em que ela nos interpela e constrange numa aula de História.

A partir das perguntas “quais relações os romanos costumavam estabelecer com as ideias de cidadania e diversão? Todas as pessoas eram cidadãs em Roma? Todas as pessoas são cidadãs, hoje?” (p. 41), os/as autores propõem uma aula de História que interpele as formas como as relações de gênero eram priorizadas e constituídas pelo poder político-social exercido na Roma Antiga, vinculando-as ao nosso presente. Assim, é possível vislumbrar um ensino de História implicado em questionar as desigualdades — tais como a de gênero e sexual — em virtude de direitos à cidadania, remetendo à antiguidade romana como uma referência de problematização histórica para o tempo presente.

Em outro momento, os/as autores proporcionam uma reflexão voltada a narrativas ancestrais sobre a origem do “Cosmos” — como as da *Serpente-Canoa*; *Serpente-Maçã*; *Serpente-Arco-Iris*; *Serpente-Sabedoria*. O objetivo é fazer com que a História na escola seja capaz de possibilitar uma aprendizagem como “respostas” manifestadas pelos/as estudantes quando são questionados a refletir sobre “O Que Somos Nós?” (p. 49) diante de múltiplos relatos cos-

mogônicos que atravessam diferentes formas de viver e relacionar-se política e culturalmente *no* e *com* o mundo em questão.

Moderno. Branquitude. Desenvolvido. Primitivo. Normal. Emoção. Anormal. Razão. Tribo. Civilizado. Civilização. Selvagem. Antigo. Privilégio. Esses são os termos mobilizados pelos autores/as para que os/as estudantes sejam capazes de problematizar projetos colonialistas instituídos na “modernidade europeia”. A ideia da problematização é justificada para se pensar conceitos como *Eurocentrismo*, *Branquitude* e *Relações étnico-raciais*, de modo a desafiar os/as estudantes a contextualizarem os significados das relações “eu-outro” que tendem a ser socialmente hierarquizadas. A partir dessa perspectiva, o ensino de História torna-se um espaço em que se recebe e responde a demandas de identidade-diferença que emergem constantemente em nossos entornos.

A partir dos relatos históricos intitulados *Iansã Borboleta*, *Mani da Oca* e *A serpente e a Maçã*, os/as estudantes são convidados a escutar e ler representações míticas sobre o “Cosmos” de comunidades indígenas, afro-brasileiras e europeias. A atividade consiste em fazer com que eles/as relacionem esses relatos às suas próprias vidas e às infinitas formas de habitar o mundo. Com esse enfoque, reconhecemos que a aprendizagem em História é também construída por “ficções” derivadas das potências de sensibilidades com o mundo que nos afeta.

“Sonho Meu?”. Essa é uma das questões que constitui uma proposta de atividade, cuja finalidade é apresentar aos estudantes narrativas de sonhos segundo a perspectiva dos *Yanomami* e dos *Guarani*, oferecendo-lhes uma provocação: “Será que podemos identificar uma cultura pelo sonho? Será que é possível sonhar com algo que não conhecemos ou que não vivemos?” (p. 85). A atividade é uma forma de ensinar História através das possibilidades de aprender pelas relações identitárias com os diversos mundos sonhados e partilhados culturalmente.

Em outro momento, os/as autores intencionam desenvolver com os/as estudantes uma teatralidade e um desenho da *árvore Baobá* com base no livro *O Pequeno Príncipe Preto*, na filosofia *Ubuntu* e em trechos da música do Emicida, de modo que eles/as possam responder às perguntas: “Como se dão as relações entre nós? Como nos relacionamos com os outros seres da terra? Como demonstramos o afeto na nossa sociedade?” (p. 111). Nessa perspectiva, a proposta estimula a pensar que a História escolar é constituída por afeti-

vidades que escapam à pretensão de mensuração dos atos de aprender História em sala de aula.

No último tema proposto, os/as autores apresentam o relato de um sonho de *Cláudio, dos Yanomami*, e organizam *Rodas dos Sonhos* com as turmas. O objetivo consiste em incentivar os/as estudantes a discutirem as semelhanças e diferenças nos sonhos entre culturas, assim como os motivos pelos quais sonhamos e as diversas formas culturais de sonhar. A atividade aponta uma maneira de conceber a História ensinada como um horizonte de inspiração “onírica” que conjuga passado e futuro através das inquietações do presente.

Portanto, no transcorrer da leitura de *Ensinar história: a arte de criar encontros alegres*, podemos (re)pensar como nós, professores e professoras de História, temos desenvolvido nossa atividade profissional nas escolas em meio às incertezas, angústias, receios e carências do cotidiano. A leitura permite observar que não haveria “a” aprendizagem ou “o” ensino de História, mas *sentidos* de aprender e ensinar História. Assim, o livro é um convite para a compreensão de que as aulas de História são realizadas coletivamente e podem ser um lugar social onde alegrias são evocadas. Alegrias de poder silenciar-se, escutar e falar. De aprender, desaprender e reaprender. Eis a ideia central de *Ensinar história*: criar condições de articular afeto e imaginação como sentidos “ontológicos” para as aulas de História em meio às demandas de alteridade que permeiam as relações de ensino-aprendizagem.



Resenha submetida em 16 de maio de 2025.
Aprovada em 3 de junho de 2025